

Significados da morte entre headbangers (fãs de heavy metal): uma incursão cognitiva-fenomenológica através da produção de fala interna

José Hugo Gonçalves Magalhães¹; Alexsandro Medeiros do Nascimento²

Resumo: O estudo investigou a subjetivação da morte entre sujeitos inseridos no heavy metal, utilizando a fala interna como veículo cognitivo para o acesso aos conteúdos relacionados à morte emergentes na experiência de tais sujeitos. A pesquisa de recorte cognitivo e fenomenológico foi realizada mediante procedimento idiográfico e qualitativo de coleta de dados, pautando-se na compreensão de que os processos cognitivos (neste caso a fala interna) atuam como mediadores do acesso aos conteúdos pertinentes à experiência gerada diante de temas e questões existenciais, tais como a morte. As categorias de fala interna emergentes, apesar de não indicarem conteúdos mais detidamente ligados ao âmbito do metal na experiência dos sujeitos investigados, denotam a reconstituição do conflito entre concretude e abstração da morte presente na compreensão ocidental de morte em geral e que se apresenta também no universo do heavy metal em particular. **Palavras-chave:** Fala Interna; Fenomenológico; Heavy Metal; Morte; Processos Cognitivos

Title: Meanings of death among headbangers (heavy metal fans): a cognitive-phenomenological incursion through the production of inner speech

Abstract: The study investigated the subjectivation of death among heavy metal fans, using inner speech as a cognitive vehicle for access the content related to death that emerges in the experience of such subjects. The research has a cognitive and phenomenological approach, and was performed using an idiographic and qualitative data collection procedure, based on the understanding that cognitive processes (in this case, inner speech) act as mediators in the access of contents related to the experience related with existential themes and questions, such as death. The emergent inner speech categories, although not indicating any content more closely related to the scope of heavy metal in the experience of the investigated subjects, denote the reconstitution of the conflict between concreteness and abstraction of death present

1 Laboratório de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS), localizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, endereço: Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE, 50670-901. hugo_magalhaes88@hotmail.com

2 Laboratório de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS). Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco. Endereço Institucional: Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE, 50670-901. alexmeden@hotmail.com

in the Western understanding of it in general, and that is also present in the heavy metal universe in particular. **Keywords:** Cognitive Processes; Death; Heavy Metal; Inner Speech; Phenomenological

Introdução

O heavy metal é uma forma de expressão artística e cultural permeada por distintos marcadores simbólicos relacionados à morte, sobretudo no âmbito de sua estética visual e letras de músicas (Christe 2010). Dadas as dimensões globais de sua popularidade, sobretudo após o advento da internet, faz-se necessário indagar a respeito de como tais marcadores simbólicos afetam os modos pelos quais os sujeitos inseridos no meio experienciam o campo tanatológico em sua acepção simbólica e existencial. Neste sentido, o presente estudo objetivou investigar a subjetivação da morte entre ‘headbangers’, termo pelo qual se auto intitulam sujeitos inseridos no movimento heavy metal (Wenstein, 2000), buscando compreender como a morte se constitui como objeto responsivo a variantes culturais, a partir da realização de uma incursão empírica através dos eventos subjetivos emergentes dos estados conscientes direcionados à morte entre tais sujeitos.

Especificamente, utilizou-se a fala interna, que é o processo cognitivo por meio do qual desenvolvemos diálogos ou monólogos internos (Hurlburt e Heavey, 2008), como veículo cognitivo mediando o acesso aos significados tanatológicos produzidos pelos participantes. Para isso os dados foram coletados mediante a realização de procedimento idiográfico de recorte cognitivo e fenomenológico, pautando-se na compreensão de que os processos mentais (a fala interna, neste estudo em particular) atuam como mediadores do acesso aos conteúdos pertinentes à experiência gerada diante de temas e questões existenciais, tais como a morte (Magalhães, 2014; Magalhães e Nascimento, 2017).

Do que segue, uma seção preliminar à apresentação do relato de pesquisa propriamente dito descreve as relações entre heavy metal e morte, introduzindo informações acerca do heavy metal e exemplificando a presença da morte com expressões estéticas e líricas tipicamente presentes no universo metal. Nas seções referentes ao relato de pesquisa, são descritos os procedimentos de coleta e análise dos dados, para por fim serem apresentados seus resultados e consequente discussão.

O heavy metal e a morte

O Metal é uma cultura e subgênero descendente do Rock, estilo musical que por sua vez, têm suas raízes no jazz e blues estadunidenses das décadas de 1930 e 1940 do século passado. No fim dos anos 1970, a expressão Heavy Metal era utilizada para designar grupos de rock que trajavam visual mais carregado, e apresentavam uma musicalidade mais agressiva do que a usualmente apresentada pelas bandas “normais” de rock britânico, que praticavam um som mais "leve", ou seja, com menos distorção (Christie, 2010). O heavy metal, muitas vezes referido apenas como "metal", enquanto um subgênero independente do rock, constitui suas próprias regras, rituais e conjuntos conflitantes de ideologias e tendências.

De acordo com Philips e Corgan (2009), a discussão sobre a origem do termo “heavy metal” envolve certa controvérsia. Segundo os autores, costuma-se aceitar que o gênero tenha começado em meados dos anos 1960, dependendo de qual banda se toma como ponto de partida. Deste modo, enquanto muitos críticos e estudiosos olham para bandas como Blue Cheer, Iron Butterfly, MC5, e Steppenwolf como sendo metal, no fundo, estas bandas poderiam ser mais apropriadamente classificadas como proto-metal, segundo variados observadores e críticos musicais. Afirma-se de um lado que o termo foi cunhado pela primeira vez em 1968, em uma resenha da música da banda Byrds chamada "Artificial energy", do álbum “The Notorious Byrd”. Por outro lado acredita-se que o termo foi utilizado inicialmente para descrever músicas de bandas da era proto-metal, como o MC5 e Sir lord Baltimore. O termo também aparece na conhecida música da banda Steppen Wolf, "Born To Be Wild": *“I like smoke and lightning, Heavy Metal thunder”*.

Ainda sobre as origens do heavy metal, existe uma unanimidade entre críticos musicais e historiadores, relacionado ao surgimento das bandas britânicas Black Sabbath e Led Zeppelin demarcarem o início oficial do heavy metal como tal, em seu sentido lírico, estético e musical, consolidando um modelo para as bandas de metal que se seguiram, especialmente em termos de musicalidade e atitude. O Heavy Metal começa a ganhar vida própria com o nascer do movimento NWOBHM (New Wave of British Heavy Metal/Nova Onda do Heavy Metal Britânico), canalizando suas produções a um público cada vez mais específico. Em português, o termo significa "Metal Pesado", o termo fazendo referência ao níquel utilizado na fabricação dos acordamentos das guitarras, instrumento chave do estilo, e pesado em alusão à tipificação do som, caracterizado por timbragens distorcidas e graves (Christie, 2010).

Com o suporte da grande mídia, nos inícios da década de 1980, a NWOBHM desbrava as fronteiras da Europa e ganha o mundo. Com a progressiva inserção do Heavy Metal mundo afora, o movimento ganhou forma e quanto mais adeptos e bandas surgiam em outros lugares, mais o Heavy Metal se reconfigurava como cultura e estilo específico de música (Christe, 2010). Tais reconfigurações originaram subestilos dentro do próprio Heavy Metal, sendo instituídas denominações como Speed Metal, Thrash Metal, Death Metal, Black Metal, de acordo com as inovações apresentadas nas letras e no som das novas bandas que surgiam. Tal atitude teve o intuito principal de estabelecer determinados pressupostos que definissem o estilo tocado por determinadas bandas, que as diferenciariam ou as assemelhavam a outras, do mesmo estilo. Nesse processo, o próprio termo Heavy Metal passou por uma espécie de isolamento, ao ser correlacionado à maneira como se consagrou ser tocado pelas bandas que formaram a NWOBHM. Sendo assim, hoje há um consenso acerca da nomenclatura "metal" ser a responsável por indicar um estilo e categoria geral "metal" que subsume os estilos que foram anteriormente citados. Ao longo do tempo, o metal evoluiu e transformou-se como expressão musical e cultural, desdobrando-se em uma grande diversidade de subgêneros e submovimentos culturais dentro da própria cultura metal.

A morte é vista no mundo ocidental como um impedimento à realização da vida, e nesse sentido, um objeto do mais alto temor (Ariés, 1977). De fato, a cultura atua como um demarcador importante dos significados tanatológicos, estando presente desde a defesa da finitude biológica inerente à existência de todas as formas de vida, até a criação de narrativas acerca de uma suposta imortalidade da alma, como as que descendem do discurso religioso (Cave, 2011). Nos últimos anos, esforços advindos do âmbito acadêmico têm sido direcionados à criação de novas interfaces semióticas relativas ao fomento de uma espécie de pedagogia da morte, preocupada com a criação de espaços de discussão sobre a morte e o morrer junto à sociedade (Kovács, 2008). Esta preocupação advém sobremaneira de setores como os da bioética, antropologia, tecnologia, e educação, que seguem abrindo discussões a respeito do tema nos meios de comunicação e grupos sociais em geral.

Não obstante a tais esforços, e seus prováveis impactos em níveis da intersubjetividade a médio/longo prazo, decerto a abordagem a temas tanatológicos no cotidiano permanece como um tabu quer seja pelas interdições religiosas, políticas, sociais e institucionais que ainda se cumprem, ou por sua significação ser intrinsecamente permeada, no ocidente, por teores existencialmente pesados (Ariés, 1977; Kovács, 2008). É neste cenário, que a morte

encontra-se aberta às múltiplas possibilidades de significação, no processo de mútua correspondência existente entre o sujeito e a cultura que o abriga/habita. Nesta conjuntura, encontram-se as elaborações intersubjetivas operadas no tema da morte, no âmbito da cultura heavy metal. Essas elaborações se concretizam principalmente por meio das manifestações estéticas e discursivas que são inerentes à expressão da morte no universo metal, ou seja, através das capas e letras dos discos, tatuagens, vestimentas e indumentárias em geral. Por exemplo, no heavy metal, é bastante comum observarmos a morte sendo representada em termos visuais pela imagem clássica do ceifador, ou pela imagem de cemitérios.

A título de ilustração para o leitor não versado em questões relativas ao heavy metal, iremos fornecer a partir de agora algumas informações gerais acerca de como a morte é representada neste meio. Apresentaremos alguns excertos de letras de músicas, bem como, algumas capas de discos de bandas representativas de gêneros importantes do metal, que tenham tido a morte e temas correlatos como base de inspiração na composição dos referidos trabalhos.

Nossa exposição será realizada de forma sucinta, uma vez que a realização de uma etnografia completa da morte no metal acarretaria em esforços antropológicos que fugiriam aos limites impostos pelo escopo da pesquisa. Aqui seguem dois exemplos. Primeiro, o de uma banda escandinava, chamada Entombed (Suécia); e na sequência, o exemplo do Autopsy, também de death metal, só que originária dos Estados Unidos.



Figura 1. Capa “Left hand path”, Entombed (1990).



Figura 2. Capa “Macabre Eternal”, Autopsy (2011).

Encontramos em ambas as artes, estéticas tanatológicas bastante presentes nos conceitos dos discos de metal em geral, e no subgênero death metal em particular. Trata-se da representação da iminência de sofrimento e penúria diante da concretude da morte, tratada como o caminho absoluto para o martírio espiritual. Na capa do disco do Entombed, podemos vislumbrar uma clara alusão ao caminho da mão esquerda, que segundo a tradição esotérica ocidental, relaciona-se com a prática da magia negra, conhecida por produzir uma série de efeitos maléficos na vida do sujeito praticante.

De acordo com essa perspectiva, uma vida no caminho da mão esquerda seria permeada por tormentos, pesar e agonia, frutos de um acordo firmado entre o praticante de magia e forças espirituais ocultas, em troca da realização de prazeres mundanos. Esta ideia reforça a representação da morte enquanto castigo e redenção, o que revela uma visão metafísica/espiritualista pessimista diante da morte.

Como exemplo de letra de música que retrata esse aspecto, temos “*But life goes on*” (1990), presente no referido disco do Entombed:

“Morto, mas a vida continua

Eu vou ser o único que ganhou

Meu corpo carbonizado irá decair

Mas minha alma estará flutuando de qualquer maneira

Visualmente um cadáver

Mas o que está dentro da minha cabeça

Não considera que certa feita eu estivera morto

Então eu acho que eu vou voltar dos mortos

Morrendo a minha morte

Em um desgosto implacável

Morto em um caixa de madeira

Este não pode ser só o meu destino

Morto - falecido, mas a vida continua

Eu vou ser o único que ganhou

Continua a procurar e você vai ver

Que a vida é o seu pior inimigo” (Entombed, 1990)

As representações da morte no metal não se restringem ao locus do death metal. Encontramos conceitualidades tanatológicas ao longo de todos os sub gêneros do metal. No thrash metal, por exemplo, é lugar comum encontrar a morte sendo representada através do espectro da violência da vida cotidiana e das guerras.

Nas palavras do Assassin, grupo de thrash metal alemão, em música homônima (1987):

“Ele vem através da noite Pronto para lutar

Sua espada vai matar toda vez que for a sua vontade

A morte que o levou pode ver a raiva em sua face

O ódio e o destino estão agora confusos, porque é tarde demais

Vá assassino, lute assassino, Mate assassino, assassine a vida” (Assassin, 1987)



Figura 3. Capa “The upcoming Terror”, Assassin (1990)

Ainda no thrash metal, é bastante comum as bandas abordarem a questão da finitude de um ponto de vista pessimista/materialista, focando na dimensão universal e biológica inerente ao morrer, sobretudo, no que toca à inevitabilidade da morte. Esse aspecto se faz representar de diferentes formas. O conceito do disco “Darkness Descends”, da banda norte americana de thrash metal Dark Angel, é um exemplo típico deste tipo de abordagem no metal. A capa deste álbum, contendo a imagem de um túmulo, pode ser visualizada logo abaixo:



Figura 4. Capa “Darkness Descends”, Darkness Descends (1987)

Na faixa “*Death is certain, life is not*” (a morte é certa, a vida não é), é relatada uma situação de desejo de eutanásia, na qual, segundo o narrador, a vida perde o seu sentido por completo, diante da falência gradativa das funções vitais básicas do organismo. A letra segue abaixo:

*“Respeitando seus desejos
Meu irmão, você quer morrer
Numa cama rodeada por tubos
A imobilidade te lança às sombras
Em seu corpo o torpor reina
Você já calculou o seu desaparecimento
Seu futuro está dilacerado pela dor
Eu vou levar a vida por detrás dos teus olhos
Houve um tempo de quando a morte era distante
E o fogo da vida queimava brilhante*

Agora nós percebemos, a vida não é constante

Sem desejo pela vida, a morte é um direito

A eutanásia, não assassinato

Ato de misericórdia para escapar

A forma de tortura da sociedade

Para deixá-lo viver nesse caminho

A morte é certa

A vida não é

Sua mente está em tormento

Esperando para apodrecer

A cortina final

Sempre o chama de perto

Quando a morte é certa

O fim se revela” (Dark Angel, 1987)

Os exemplos oferecidos acima passam longe de esgotar as variedades de representações da morte no metal, buscando representar uma pequena parcela de como a morte se apresenta no meio. As expressões da morte no metal, às quais nós nos referimos acima, são encontradas em um sem número de outras bandas. Através desta pequena ilustração, o leitor pode vislumbrar um panorama geral acerca das representações da morte que figuram no centro das produções de heavy metal. Os elementos estéticos e musicais atrelados ao conteúdo das letras transparecem uma gama extensa de significados ligados à morte, quais sejam, vinculando-se a temáticas que vão desde o universo do macabro, do mórbido e do terrorífico, até temáticas acerca do universo melancólico, metafísico e existencial.

A seguir, passaremos a explorar os achados de nossa pesquisa propriamente ditos, detalhando-os e interpretando-os de um ponto de vista psicológico e antropológico, conforme os limites e a abordagem de pesquisa.

O presente estudo

Apesar de grandes avanços de investigações antropológicas e psicológicas no campo da tanatologia, ainda permanecem escassos programas de pesquisa interessados em pesquisar processos de subjetivação da morte que busquem rastrear a dinâmica de seus indexadores propriamente cognitivos e experienciais entre adultos, que considere a interface entre sujeito e

distintos aspectos de expressão tanatológica própria às suas culturas de pertença (Magalhães, 2014; Magalhães e Nascimento, 2017). A partir desta lacuna, no presente estudo, partimos da hipótese geral de que sujeitos que possuem vivências no âmbito de culturas permeadas por conteúdos tanatológicos específicos (em nosso caso, o heavy metal), quando se encontram imersos em um estado qualitativo de consciência caracterizado pelo direcionamento da atenção ao tema da morte (estado consciente direcionado à morte, Magalhães, 2014), podem tender a significar tal tema na confluência de suas vivências em tal cultura. Levando em conta seu caráter particular, esta hipótese surge considerando a possibilidade de existirem interfaces semióticas criadas pelos sujeitos envolvendo a dimensão da morte no metal e a dimensão da morte em suas subjetividades; no sentido em que as representações da morte presentes no universo conceitual do metal se relacionem ao processo de construção de significados relativos à morte.

Neste sentido, em nossa coleta de dados, elaboramos um procedimento que possibilitou a incursão sistemática em conteúdos relacionados ao tema da morte emergentes na experiência do participante, os quais foram ulteriormente discutidos por meio de entrevista semiestruturada e analisados por meio de análise de conteúdo em sua vertente categorial (Bardin, 2006). A seguir, o estudo e suas etapas são detalhados, e os dados discutidos.

Método

Participantes

A pesquisa contou com 30 participantes, que compuseram uma amostra de conveniência, para que fosse preservada uma representatividade de sujeitos por afiliação ao heavy metal. Dada a composição majoritariamente masculina do grupo social pesquisado, houve predominância de participantes do sexo masculino (80%) na composição final da amostra, em detrimento das participantes do feminino. Nenhum dos participantes possui filiação religiosa. A idade dos participantes variou entre 20 e 40 anos (média: 28,06). A pesquisa teve como critério de inclusão a prerrogativa de o sujeito ter mantido o seu primeiro contato com a cultura heavy metal a pelo menos dois anos. A maioria dos participantes tinham como nível de escolaridade o nível superior incompleto (33%) e completo (27%).

Procedimentos

Os sujeitos foram convidados a participarem da pesquisa nos próprios locais dos shows de heavy metal ou pela internet, através de grupos do facebook ligados à cena heavy metal local. Em ambos os modos, no primeiro contato, o pesquisador apresentou sucintamente

os objetivos da pesquisa ao provável participante, e em caso de anuência era então marcada posterior data e horário para a realização da coleta de dados.

A fase de coleta de dados foi iniciada após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em pesquisa da UFPE (parecer nº 297.500). Na ocasião da coleta, os objetivos da pesquisa eram apresentados ao sujeito a partir do termo de consentimento livre e esclarecido (tcle); após a assinatura do termo pelo participante, o procedimento de coleta era então iniciado.

Parte desta fase foi realizada no laboratório ao qual o pesquisador é filiado (LACCOS – Laboratório de autoconsciência, consciência, cognição de alta ordem e self), bem como em locais de escolha do participante. Em todos os locais em que aconteceram a coleta, estiveram resguardadas as condições ambientais para que não houvessem a ocorrência de estímulos detratores básicos que viessem a prejudicar o andamento dos trabalhos.

Instrumentos

A fase de coleta de dados foi realizada por meio do uso de entrevista semiestruturada, denominada EFEM (Entrevista fenomenológicocognitiva dos estados conscientes direcionados à morte; Magalhães, 2014). A entrevista semiestruturada é uma técnica qualitativa de pesquisa amplamente empregada nas ciências humanas, construída com base na preparação de perguntas abertas por parte do investigador, intencionando a exploração de escopos específicos de pesquisa. A mesma sucede respeitando-se o sequenciamento das questões integrantes de um roteiro previamente preparado com base nos fundamentos teóricos da pesquisa. Todavia, neste tipo de procedimento fica garantida a possibilidade de novas perguntas e intervenções não previstas anteriormente serem realizadas, conforme as circunstâncias de seu encaminhamento (Manzini, 2003).

Esse tipo de procedimento possibilita que as informações fluam de modo mais livre, à medida que as respostas dos participantes não estão condicionadas a uma padronização preestabelecida. Apoiadas no corpo teórico relacionado ao tema da pesquisa, a realização de entrevistas semiestruturadas pode propiciar o surgimento de novas hipóteses a partir das respostas oferecidas pelos participantes às questões realizadas pelo investigador (Manzini, 1991 e 2003). O EFEM se baseia na estrutura e princípios do EFEA (Entrevista fenomenológico cognitiva dos estados autoconscientes; Nascimento, A.M, 2008), que é uma entrevista semiestruturada voltada à exploração dos aspectos cognitivos e

fenomenológicos do estado autoconsciente, tanto em seus parâmetros de vigília, quanto em seus parâmetros incomuns.

O EFEM é um instrumento de pesquisa psicológica da consciência voltado à exploração de dados de primeira pessoa relacionados à experiência interna emergente do direcionamento da atenção à morte. Como base teórica de sua preparação, foi utilizada a taxonomia das ocorrências de consciência fenomenal elaborada por Hurlburt e Heavey (2008).

O EFEM é estruturado em três momentos sequencialmente organizados, a fim de gerar um estado consciente caracterizado pelo direcionamento da atenção à morte. Neste sentido, é organizado na seguinte ordem:

Momento I - Indução ao estado consciente dirigido à morte

Neste primeiro momento da entrevista, é realizada a indução ao estado consciente direcionado à morte, no qual as pessoas são instruídas a focarem a sua atenção no tema em um espaço de tempo de trinta segundos. A partir disso, é esperado que os participantes experienciem um estado de consciência caracterizado pelo processamento cognitivo de informações verbais ou não verbais relacionadas à temáticas afins à morte.

O pesquisador, a partir da leitura da instrução, explica resumidamente ao participante os procedimentos que deverão ser realizados no decorrer da indução:

"A indução consiste em uma tarefa de focalização da atenção, ou seja, eu vou pedir que você direcione a sua atenção para um determinado objeto, darei o tempo de 30 segundos para que você preste atenção a esse objeto e depois eu farei algumas perguntas sobre a experiência que você teve durante esse tempo de 30 segundos de observação. É importante que você esteja bastante atento (a) ao que está passando em sua mente durante o tempo de observação, pois as perguntas que serão feitas em seguida deverão ser respondidas com base no que você pôde prestar atenção. O início da tarefa será marcado com a frase 'início da tarefa' e o término da mesma será marcado pela frase 'fim da tarefa'. Podemos começar ou você gostaria que eu repetisse a instrução?"

Uma vez verificado que o participante compreendeu a proposta, logo na sequência é lida uma instrução específica:

"Eu gostaria que você dirigisse a sua atenção para a morte. A partir de agora, a morte deve ser tomada como objeto de sua atenção. Procure estar atento ao que você sente, e ao que você pensa durante essa experiência, que terá o tempo de 30 segundos. Após o fim da tarefa, eu farei perguntas a respeito de sua experiência."

O conteúdo presentificado para o sujeito nesses trinta segundos será sistematicamente explorado ao longo das próximas duas fases.

Momento II - Autorrelato do estado consciente dirigido à morte

Nesta fase, a partir de leitura de instrução específica, o participante é convidado a relatar, do modo mais completo possível, os conteúdos que se passaram em sua experiência durante o período de introspecção, reconstruindo a experiência de acordo com a sua sucessão no tempo e relatando as coisas que se passaram em sua experiência na mesma ordem em que lhe ocorreram.

"Agora eu gostaria que você me relatasse da forma mais completa possível o que você sentiu e pensou durante a sua experiência. Seu relato deve, na medida do possível, dizer as coisas que aconteceram na mesma ordem em que lhe ocorreram durante a sua experiência. Para isso, procure lembrar com o máximo de detalhes a experiência que acabou de vivenciar."

Momento III – Questões direcionadas à exploração dos componentes cognitivo fenomenológicos do estado consciente dirigido à morte.

Neste último momento, questões semi estruturadas são realizadas pelo pesquisador visando explorar os aspectos cognitivos e fenomenológicos básicos que compuseram a experiência interna dirigida à morte dos participantes, tomando como base a classificação de Heavey e Hurlburt (2008). No presente estudo, fornecemos a seguinte questão, relacionada à fala interna (para maiores detalhes, ver Magalhães, 2014):

"Quando nós pensamos sobre qualquer coisa, nossos pensamentos às vezes são formados por falas e discursos que ouvimos em nossa mente. Durante a sua experiência algum tipo de conteúdo deste tipo lhe veio à mente? Você poderia recontar com detalhes sobre como essas falas são? Caso tenham aparecido em sua experiência?"

Em suma, o emprego deste tipo de instrumento é motivado pelos objetivos da pesquisa, possuindo o intuito de preservar sobretudo a natureza êmica e idiográfica dos dados coletados.

Análise de Dados

Preliminarmente à efetivação das etapas de análise, foram realizadas as transcrições dos dados áudio gravados. Durante a transcrição, seguiu-se as prescrições elencadas por Biasoli-Alves, (1998) e Couto Rosa e Arnoldi (2006) para o processamento pré-analítico de conteúdo, realizando-se leituras flutuantes e exaustivas do material; sempre buscando preservar fidelidade às expressões linguístico/discursivas características dos respondentes.

Na sequência, os dados foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2006), em sua modalidade categorial. A análise de conteúdo é uma conhecida estratégia de análise de dados derivados de material verbal escrito e/ou oral, amplamente empregada no desenvolvimento de pesquisas qualitativas de base quantitativa nas ciências humanas. Compreendendo que os objetos de tais ciências possuem uma ontologia multifacetada, Bardin (2006) propõe que a finalidade da análise de conteúdo, uma vez admitida a polissemia instaurada em torno desses diversos objetos de pesquisa, consiste em prover um conjunto de técnicas de organização de informações que objetivam a exploração exegética de determinados conhecimentos, temas ou tópicos relativos a um objeto de pesquisa, cujo acesso seja possibilitado através de relatos, comunicações, documentos escritos e afins.

A análise categorial (Bardin, 2006) é realizada com base em critério temático, procedimento que visa reorganizar o material transcrito segundo a analogicidade semântica estabelecida entre os conteúdos, classificando-os sob categorias específicas conforme os critérios de 1) *exaustividade*: que prescreve a abrangência de todos os conteúdos; 2) *Exclusividade*: que orienta que cada grupo de itens fiquem sob a mesma unidade classificatória; e 3) *Manutenção de um mesmo nível de inferência*: que prescreve a existência de equilíbrio entre os pólos do continuum instaurado entre objetividade/subjetividade dos dados (Bardin, 2006; Biasoli-Alves, 1998). Deste modo, os conteúdos de fala interna emergentes na experiência dos participantes foram classificados em categorias mais amplas conforme os critérios acima apresentados.

Resultados e Discussão

A análise categorial realizada (Bardin, 2006) permitiu a classificação dos conteúdos em quatro categorias referentes à fala interna. A seguir as categorias são apresentadas e ilustradas com trechos das entrevistas realizadas.

Incerteza: englobou eventos de fala interna relacionados à angústia produzida diante da dúvida construída em torno do que ocorre quando a morte acontece, como podemos verificar em trechos como: "*E agora?*" (Participante nº 5).

Inevitabilidade: esta categoria reuniu discursos internos dirigidos à inexorabilidade da morte, enquanto evento não aberto à evasão por parte do sujeito, como pode ser visto no seguinte trecho: "*Então, é o que vinha à mente, era sempre isso: "é inevitável, e é algo que é inevitável, não há como evitar."* (Participante nº 11).

Medo: englobou falas internas nas quais houveram de fato a ocorrência do termo “medo”, como pode ser conferido em “*Veio, quando você falou ‘comece’, que eu perguntei se teria de pensar só naquilo. A primeira coisa que me veio: ‘medo’.*” (Participante nº 7) **Morte:** englobou o discurso interno no qual houve de fato a ocorrência do termo “morte”, como em: “*Palavra... veio a própria palavra ‘morte’, né.*” (Participante nº 20).

Inicialmente, cabe ressaltar que a fala interna desempenha um importante papel em nosso funcionamento psicológico cotidiano, enquanto recurso cognitivo presente nas mais variadas elaborações que realizamos diante do mundo e a nós mesmos. No âmbito de nossa relação com a morte, a autofala costuma ser amplamente empregada na elaboração de estratégias de manejo da ansiedade e estresse diante do tema (Hun et. al, 2010). Para ilustrar, abaixo, podemos verificar um trecho de entrevista pertencente à categoria *inevitabilidade*, no qual o sujeito aparenta ter utilizado a fala interna de modo consciente na supressão de sentimentos negativos durante sua experiência:

“*Participante nº 21: Quando você sente a angústia, você sente logo a tristeza e fala ‘ah, mas o que é isso, relaxa porque isso é uma coisa tranquila’.*

Entrevistador: Isso ocorreu em forma de palavras?

P21: Uhum, em forma de palavras.”

Quanto aos conteúdos da fala interna que em si mediarão a experiência dos sujeitos dirigidas à morte, note-se que estes não trazem menções mais diretas ou especificamente relacionados ao âmbito do heavy metal, por mais que evidentemente possam ser extrapoladas e a este relacionadas em um sentido mais amplo. Nesse sentido, há de ser ressaltado que a contraposição entre as categorias Inevitabilidade e Incerteza refletem, no seio de fãs de heavy metal, o tradicional conflito envolvendo concepções biológicas e espiritualistas da morte (Cave, 2011), considerando que de um lado a ciência e o senso comum abrigam perspectivas que ressaltam a concretude biológica da morte; e que de outro lado, as religiões, demais filiações espirituais e cosmológicas, além do próprio senso comum nutrem compreensões que prezam pela abstração espiritual diante da mesma.

Ainda sobre tais categorias, cabe ressaltar que ambas encontram amparo em farto material estético e lírico dentro do heavy metal, dado que no metal encontramos tanto reflexões de cunho pessimista a respeito da morte, o que indica a inevitabilidade de sua concretização biológica, e das consequências existenciais/materiais que isto traz; como também encontramos reflexões a respeito do que a morte traz enquanto fenômeno que

conclama ao desconhecido, ao inóspito, e que neste sentido produz um estado de incerteza no sujeito. Observe-se os exemplos de letras e imagens de discos fornecidos na seção “O heavy metal e a morte”, no presente texto.

No que concerne à categoria Medo, esta parece denotar uma concepção de morte como ameaça à realização da vida, como finitude absoluta, capaz de despertar temor ante a interrupção do ciclo vital. O medo segundo Cave (2011) encontra-se atrelado a um certo senso de finitude, que ao indicar que um dia a vida irá acabar, desperta temor, seja ante a dimensão do inesperado, do misterioso ou do concreto no fenômeno tanatológicos.

Com relação às limitações metodológicas da pesquisa, cabe ressaltar que o tipo de dado obtido (dados sobre a fenomenologia dos estados internos direcionados à morte, e não, dados sobre a explicação da perspectiva de morte dos sujeitos) contribuiu para minimizar nossa capacidade de discutir os motivos pelos quais isto tenha ocorrido. Lidamos com o princípio de livre associação durante o procedimento de coleta, e não com um princípio de explanação do sujeito acerca da relação entre sua perspectiva de morte, e no que ela se liga às suas vivências na cultura metal, entre outros.

Por fim, se por um lado nosso escopo metodológico não permitiu um aprofundamento mais amplo na questão do significado da morte para essas pessoas, por outro, conseguimos alcançar resultados desejáveis, no que concerne ao mapeamento das influências da cultura ocidental no âmbito da morte, no contexto de como participantes da cultura heavy metal significam a morte. Deste modo parece ser sugerido que outras aplicações do EFEM possam ser complementadas por perguntas semiestruturadas a respeito da perspectiva da morte do sujeito, visando produzir conteúdos narrativos adicionais que permitam maior exploração dos significados tanatológicos.

É preciso considerar que talvez a fala interna não seja uma âncora cognitiva propriamente catalizadora da interface entre os significados tanatológicos dos sujeitos e o campo da morte no heavy metal. Pesquisas futuras deverão tramar a fala interna com outras possibilidades de produção de conteúdo experiencial a respeito da morte, por meio da produção de narrativas que permitam o aprofundamento dos conteúdos coletados com base nos procedimento originalmente empregados no EFEM.

Referências

Ariés, P. (1977). *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.

- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Biasoli-Alves, Z.M.M. (1998). A pesquisa psicológica: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In Romanelli, G. & Z.M.M, Biasoli-Alves (Eds). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. (pp. 135-157). Ribeirão Preto, SP: Legis Summa.
- Cave, S. (2011). *Immortality: the quest to live forever and how it drives civilization*. New York: Crown publishers.
- Christe, I. (2010). *Heavy metal: a história completa*. São Paulo: Arx editora.
- Couto Rosa, M.V.F.P., & Arnoldi, M.A.G.C. (2006). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Hurlburt, R.T. & Heavey, C.L. (2008). The phenomena of inner experience. *Consciousness and Cognition*, 17, 798–810.
- Kovács, M.J. (2008). Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, 18(41), 457-468.
- Manzini, E. J. (1990). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, 26, 149-158.
- Manzini, E.J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: Marquezine, M. C.; Almeida, M. A.; Omote; S. (Eds.). *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. (pp.11-25). Londrina: eduel.
- Magalhães, J.H.G. (2014). O que as pessoas experienciam quando a morte vem à mente? Explorando aspectos cognitivos e fenomenais da experiência interna dirigida à morte entre sujeitos inseridos na cultura heavy metal. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Magalhães, J. H. G., & Nascimento, A. M. (2017). Morte, cultura, heavy metal e experiência interna: sensação e afetividade. *Psicologia em Estudo*, 22(2), 175- 186.
- Nascimento, A.M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo*. Tese de doutorado, Programa de pós graduação em psicologia cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco.
- Philips, W & Corgan, B (2009). *Encyclopedia of Heavy metal music*. Westport: Greenwood Press.
- Weinstein, D. (2000). *Heavy Metal: the music and its culture*. Da capo press.